

Piloto quer segurança para vãos na campanha

BELO HORIZONTE — O diretor para a região Sudeste do Sindicato Nacional dos Aeronautas, comandante Roberto Gusmão, anunciou que formalizará hoje pedido ao delegado regional do Trabalho em Minas, Paulo Lott, para que mande fiscalizar as 23 empresas de taxi aéreo desta capital, que estariam descumprindo a legislação ao obrigarem os pilotos a excessivas jornadas de trabalho, em consequência da campanha eleitoral. Para o comandante Gusmão a fadiga pode ter sido a causa do acidente ocorrido semana passada com um *learjet* da Belair Taxi Aéreo perto de Belo Horizonte, quando morreram seus quatro ocupantes — dois aeronautas e dois jornalistas.

O diretor do sindicato considerou absurda a informação do assessor do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, Juca Colagrossi — que escapou ao desastre ao desistir à última hora de voar do Rio para Belo Horizonte — de que sua equipe tinha voado 400 horas nas últimas três semanas no mesmo avião. Segundo Roberto Gusmão, o jato poderia voar no máximo 85 horas por mês. Considerou igualmente provas de desrespeito à legislação o transporte de armas de fogo por seguranças de Collor e o pouso noturno do jato que levou o candidato do PRN a Teófilo Otoni, cujo aeroporto não está autorizado a pousos depois do pôr-do-sol.

No caso de Teófilo Otoni, o comandante Gusmão informou que se deu ao trabalho de conferir a informação divulgada pelo **JORNAL DO BRASIL** do dia 28 de outubro e verificou que realmente às 19h25, quando o avião de Collor pousou, o sol já tinha se posto, apesar do horário do verão. Para permitir o pouso, a Polícia Militar colo-

cou carros com faróis acesos iluminando a cabeceira, as laterais e o final da pista. Um dos aviões derrapou duas voltas provocando a revolta de um piloto que pediu para não ser identificado.

Pressões — “Foi um abuso de autoridade do candidato, o Fernando Collor ter pressionado o piloto a pousar sem iluminação. Dentro do avião, o comandante é a maior autoridade”, disse o diretor do Sindicato Nacional dos Aeronautas, que está conclamando seus colegas a não se submeterem às ordens dos candidatos que colocam em risco o vôo.

Segundo Roberto Gusmão, grande parte dos aeronautas aceita as pressões dos candidatos e suas comitivas por medo de perderem o emprego. Ele esclareceu, porém, que a fiscalização pedida à DRT-MG não se limita a aviões e empresas que estão trabalhando para a campanha de Collor ou de outros candidatos à Presidência, embora seja esta a destinação atual de boa parte da frota das 23 empresas de taxi aéreo de Belo Horizonte.

Roberto Gusmão disse que a maioria das empresas não cumpre a legislação, citando como exemplo a Taxi Aéreo Pluma, na qual trabalha. Entre outras coisas, os aeronautas conquistaram o direito à jornada máxima de trabalho de 11 horas por dia e 60 horas por semana. Têm direito a oito folgas por mês, além de repouso regulamentar, que representa o descanso obrigatório de 12 horas depois de voarem 11 horas.

Além dos incidentes com aviões de Collor, têm sido frequentes em Minas invasões de pistas por multidões que aguardavam a chegada dos candidatos.